

O estilo dos gêneros: uma metodologia de análise*

Daniervelin Renata Marques Pereira**

Resumo: A Semiótica Francesa e os estudos do gênero na perspectiva bakhtiniana têm sido associados como duas correntes que se complementam nas investigações sobre o discurso. A Semiótica, nascida de relações interdisciplinares entre a linguística, os estudos da narrativa e da filosofia, também se abre a alargamentos coerentes com seus pressupostos teóricos. Assim, Bakhtin é, em sua concepção do signo como social, visto como relação proveitosa teoricamente para os estudos do estilo do gênero, que levam em conta a recorrência de um modo de ser de determinado gênero em suas várias realizações. Para compreendermos melhor esse percurso de estudos, fizemos uma pesquisa bibliográfica nos principais trabalhos de Discini e de outros pesquisadores que vêm adotando essa articulação teórica para identificarmos concepções presentes e a proposta teórico-metodológica nessa perspectiva. Para demonstrar como a proposta pode ser aplicada, analisamos o gênero vídeo-resenha, a partir de três exemplares coletados na internet. Com essa pesquisa, resgatamos os principais avanços teóricos, bem como os desafios do que ainda precisa ser desenvolvido teórico-metodologicamente no estudo do estilo dos gêneros.

Palavras-Chave: estilo; semiótica francesa; gênero discursivo.

* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2021.174776> .

** Docente da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil. E-mail: daniervelin@gmail.com . ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1861-3609> .

Introdução

Inicialmente, é preciso dizer que temos consciência dos já numerosos estudos sobre os gêneros discursivos. É por isso que não temos a pretensão de apresentar uma discussão que vá suplantar ou ignorar estudos anteriores e mostrar um único caminho a seguir. Ao contrário, buscamos avançar em discussões já propostas, sem termos aqui condições de descrever todas. Há estudos com viés mais normativo sobre o gênero. Outros buscam compreender como se originam e como se inserem na vida cultural e histórico-social; outros ainda se ocupam de apresentar os gêneros como conceito mais produtivo para o ensino. Todos esses e outros caminhos são válidos e têm seu espaço na produção científica. Neste estudo, interessa-nos a perspectiva discursiva, que nos dedicamos a seguir a apresentar.

Articular contribuições entre os estudos semióticos, na perspectiva discursiva ou dita Francesa, cujos pressupostos teóricos remetem à linguística de Saussure, aos avanços estruturalistas propostos por Hjelmslev, à narratologia de Propp, aos estudos enunciativos de Benveniste, para ficar nos principais, e a filosofia da linguagem, especificamente nas contribuições para o estudo dos gêneros discursivos, segundo Bakhtin, tem se desenhado como um caminho possível e promissor no que diz respeito à exploração de recursos discursivos que se complementam nessas propostas. Podemos dizer, assim, que os dois pontos de vista se encontram no interesse pelos estudos relativos à enunciação e ao discurso.

Neste artigo, por meio de pesquisa bibliográfica, levantamos alguns textos importantes no desenvolvimento desse percurso de relação entre a semiótica francesa e os estudos dos gêneros discursivos, e mostramos os modos de articulação teórica propostos nesses textos. Interessa-nos, ainda, sistematizar o que existe nas pesquisas já feitas e em andamento como metodologia para estudos do estilo do gênero. Por fim, apresentamos uma análise de três exemplares do gênero vídeo-ressenha da esfera digital para demonstrar uma forma de se analisar o gênero na perspectiva priorizada neste artigo.

1. O estilo do gênero

Discini (2004) resgata diferentes concepções de “estilo” que se tornaram quase senso comum no emprego do termo, como a noção de estilo como “ornamento”; marcas de gosto pessoal, do “bem escrever”; desvio de uma norma e momento epifânico de criação. A perspectiva discursiva do estilo segue um outro caminho.

Para estudo do gênero na proposta de Discini (2012, p. 78), de estilística discursiva, a autora parte da ideia de que o estilo é o homem e o homem como pessoa pressuposta a uma totalidade de discursos. Tal ideia está em

convergência com a filosofia bakhtiniana da linguagem no que diz respeito ao enunciado como “unidade real da comunicação verbal”, que pressupõe o “sujeito de um discurso-fala” (Bakhtin, 1997, p. 293). Em outras palavras, o estilo é “depreendido como enunciação pressuposta a um conjunto de enunciados” (Discini, 2010b, p. 210), como “fato diferencial, já que o *homem*, como *identidade*, é entendido como o que se compõe na relação com seu *outro*, a *alteridade*” (Discini, 2015b, p. 13). Pensando na concepção de estilo voltada para o gênero, chega-se ao postulado de que do enunciado (gênero) emerge o estilo pelo modo próprio como o sujeito toma a palavra, respondendo ao outro. Sendo, então, o estilo identificado numa totalidade, ele é um corpo homogêneo, pois é depreendido na regularidade de procedimentos discursivos articulados entre si e só possível diante do inevitável embate interdiscursivo (Discini, 2015b), dialógico por excelência, como aprendemos com a filosofia de Bakhtin.

Gomes (2009), a partir também da abordagem teórico-metodológica da semiótica de linha francesa e de postulados de Bakhtin, pondera que o gênero deve ser tomado:

em sua complexidade, considerando o caráter instável, variável e mutável [...], mas sem deixar de observar certas recorrências, certa invariância que permite tornar a interação discursiva mais eficaz e imediata, inserindo-se num universo de expectativas compartilhadas pelo enunciadador e pelo enunciatário, fixadas pelo uso, construindo convenções. (Gomes, 2009, p. 576)

Não é à toa que se popularizou nos estudos sobre o gênero o célebre enunciado de Bakhtin (1997, p. 262, grifo nosso): os gêneros são “tipos *relativamente* estáveis de enunciados”, para marcar sua relação entre estabilidade e instabilidade, própria da práxis enunciativa. No ato da linguagem, “[o] enunciadador, no momento da enunciação, convoca, atualiza, repete, reitera um ‘já dado’ (gêneros, modos de dizer etc.), mas também o revoga, recusa-o, renova-o e transforma-o. Há um domínio do impessoal que rege a enunciação individual” (Fiorin, 2010, p. 62). Assim é possível afirmar que o gênero se constrói, entre a convocação e a inovação.

A partir dessa definição bakhtiniana de gênero, podemos dizer que uma análise estilística pode ser feita de textos materializados em qualquer gênero, tomado como enunciado, pois “tudo tem estilo” (Discini, 2009, p. 601). O estilo é uma noção que também concerne ao autor, quando temos o enunciadador historicizado a partir de uma totalidade de textos que ele assina e que o distingue do outro. Falamos nesse caso, como explicam Greimas e Courtés (2008, p. 45), em “ator da enunciação”, quando citam como exemplo o ator “Baudelaire” “enquanto se define pela totalidade de seus discursos”. Assim, “[o] sujeito como *éthos* funda o estilo do autor e é descrito segundo o exame feito de recorrências

de um modo de dizer [...]” (Discini, 2010b, p. 212). Ainda podemos abrir o conceito a outros níveis de totalidade, identificando estilo de gêneros, estilo autoral, estilo “de época”, entre outros (Discini, 2015b).

Na base dessa perspectiva, está o principal postulado de Bakhtin sobre os gêneros: que eles se estabilizam segundo uma temática, uma composição e um estilo, sustentados pela instância enunciativa, que pressupõe a interação actancial, como explica Discini (2010b, p. 210):

Respalhado por uma cena genérica, o estilo de qualquer gênero supõe papéis estáveis para os parceiros da troca social. O enunciador e o enunciatário, como funções actanciais relativas àquele que produz e àquele que interpreta o enunciado do gênero, são dados segundo tal estabilidade. Assim se amparam temática, composição e estilo.

Na estilística discursiva, como veremos com mais detalhes na próxima seção deste artigo, entrelaçam-se as componentes bakhtinianas às categorias semióticas em busca das recorrências que permitem chegar ao estilo. Esse entrelaçamento pode ser feito após a análise semiótica, ou mesmo de forma articulada já desde o início do procedimento de análise.

A semiótica de Greimas toma a linguagem como sistema de significações, a partir de relações. Um termo nunca é dado como isolado, mas sempre em relação a outro. Herdeira do postulado saussuriano da “diferença”, a semiótica aqui também mostra sua afinidade com o princípio dialógico do discurso, base dos estudos do gênero na visão de Bakhtin: um gênero se constitui em relação de diferença com outro. O percurso gerativo de sentido é fundamental no construto metodológico da semiótica, como assevera Discini (2004, p. 28): “Deve-se utilizar [...] o percurso gerador do sentido, para atingir o fato formal de estilo, que (re)constrói o efeito de individualização de uma totalidade, por níveis de reconstrução do sentido: nível fundamental, nível narrativo, nível discursivo”.

Do nível fundamental, passando pelo narrativo, até o discursivo, o percurso prevê um enriquecimento gradativo de sentido, indo do “mais simples ao mais complexo, do mais abstrato ao mais concreto” (Greimas; Courtés, 2008, p. 232). Cada nível comporta dois componentes, um sintático e um semântico, que se complementam na gramática semiótica. Resumidamente, no nível fundamental, estudam-se as categorias semânticas básicas abstratas determinadas por operações lógicas de negação e de asserção. As categorias semânticas são axiologizadas no discurso pela categoria tímica euforia (positivo) vs. disforia (negativo). Em relação de continuidade, revestindo esse primeiro nível, vem o nível narrativo. Nele ocorre a antropomorfização, imperando uma relação mínima de junção entre um sujeito e um objeto-valor. As transformações dos estados ficam a cargo do sujeito do fazer. A semântica narrativa se manifesta nos valores

investidos nos objetos e também na modalização que modifica a relação entre sujeito e objeto. São os arranjos modais, de querer, dever, saber e poder fazer e ser, que resultam nas configurações passionais. No nível discursivo, o sujeito da enunciação instala pessoa, tempo e espaço no discurso. Na semântica discursiva, as figuras recobrem os temas disseminados pelo enunciador para criar efeitos de sentido. Outros conceitos, derivados de novas abordagens semióticas, podem ser adicionados (e devem, para melhor compreensão dos sentidos do discurso) no percurso de análise, como: regimes de interação (Sociossemiótica), modos de eficiência, existência e junção (Tensiva), elementos da expressão e das linguagens sincréticas, entre outros.

Vale ressaltar que a estilística discursiva, nas pesquisas recuperadas por Discini (2015a), incorpora, além dos estudos da narrativa e discurso nas perspectivas greimasiana e do gênero bakhtiniano, também princípios da retórica clássica, especialmente quanto às provas de legitimação do ato retórico: *éthos*, *páthos* e *lógos*, do conceito de *campo de percepção* e *horizonte*, de Husserl; e a gramática tensiva (Semiótica Tensiva); as grandezas quantitativas de *totus/unus* de Brøndal e suas depreensões para a noção de totalidade.

Nesse entrelaçamento teórico, Discini (2012) propõe examinar como se organizam as estabilidades dos gêneros, investigando o processo de produção de determinado gênero pela análise de alguns de seus exemplares circulantes em práticas sociais, ou enunciados do mesmo gênero. Dessa forma, o todo do gênero deve se confirmar segundo uma totalidade numérica (em torno de três enunciados de um mesmo gênero) assim como cada parte desse todo também remete ao tom do gênero, porque um todo está nas partes. A relação parte-todo é organizada na produção de sentidos, conforme princípio apresentado por Discini (2012, p. 84):

[...] cada enunciado de um gênero não vale como unidade em si, ou não valem eles como unidades postas uma ao lado de outra, o que levaria a supor que podemos obter o todo por meio da mera soma das partes. A arquitetônica de um gênero é um esquema organizado. Cada enunciado relativo a um todo genérico tem uma função no todo.

Ainda sobre a relação parte-todo na construção do estilo do gênero, Discini (2012, p. 84) esclarece que com um único texto é possível realizar um estudo. Nesse caso, contamos com a presença realizada do enunciador daquele texto, mas também com a presença potencializada dos enunciadores dos outros textos do mesmo gênero. Logo, como complementa Discini (2015a, p. 98), “O fato de o leitor não ter à mão a totalidade numérica não o impede de ter o *dado* remetido ao *não dado*”. Sendo assim, com um só enunciado seria possível identificar o estilo de um gênero, especialmente em gêneros mais oficiais e, por isso, mais

sujeitos à estabilidade (Bakhtin, 1997). Entretanto, após a análise do primeiro texto, faz parte do processo metodológico de estudo do estilo discursivo tomar-se dois, três ou mais enunciados reunidos pelo mesmo gênero (Discini, 2012) para a exaustividade necessária a uma investigação científica. Dessa forma, consolidam-se características composicionais, temáticas e estilísticas desse gênero, a partir de semelhanças no ato de dizer e de um modo recorrente de referencialização da enunciação no enunciado (Discini, 2009).

É importante destacar, ainda, o papel condicionador das esferas de comunicação nas quais os gêneros se inscrevem. De acordo com Discini (2015a, p. 22), é possível criar “antecipações de um estilo oferecidas pelas diversas esferas de comunicação”. Como exemplo, podemos citar a esfera acadêmica, em que gêneros como projeto de pesquisa, currículo e entrevista guardam expectativas dessa esfera, de uma linguagem direta e formal, que contribua para o efeito de distanciamento e de familiaridade com os protocolos acadêmicos que regem as relações sociais nesse meio.

Ademais, acrescenta-se que as marcas de veridicção podem tornar-se recurso identificador de determinada esfera discursiva. Discini (2009) apresenta uma escala linear de veridicção, como alternativa para a dicotomia real/fictício. Numa ponta, coloca-se a veridicção no “grau máximo da força de incidência do escopo ou fiador pragmático”, chamado por Volochinov (1976) “discurso da vida”; em outra ponta os graus mínimos dessa força, na variante da veridicção, a verossimilhança, “discurso da arte”. “Entre as extremidades e com oscilação possível mais para uma e menos para outra, estão ancorados os gêneros discursivos. Aqueles de fronteira circulam em mais de uma esfera de comunicação” (Discini, 2009, p. 610). Enquanto uma notícia estaria mais próxima do eixo do “discurso da vida”, uma crônica com viés literário estaria para o eixo do “discurso da arte”. O memorial acadêmico e a crônica jornalística são exemplos de gêneros que estariam, a depender do estilo autoral, no limiar, entre um eixo e outro.

Essa oscilação diz respeito ao modo de presença do enunciador. Se o gênero não propicia grandes novidades na cena enunciativa, por ser mais estável, de traços mais coletivos, temos um estilo autoral fraco, pois a figura do sujeito é diluída em prol da presença do gênero e de sua função. É o caso, por exemplo, do gênero regulamento de processo seletivo. Nesse caso, não há relevância na assinatura autoral, individual. Inclusive, costumam ser copiados de uma instituição para outra. Diferentemente, um poema tem a cena enunciativa fortalecida e a cena genérica menos estável.

Passaremos, a seguir, ao tratamento da metodologia para estudo do estilo do gênero.

2. Como depreender o estilo do gênero?

Na perspectiva bakhtiniana, o gênero discursivo, como enunciado, é caracterizado como composto de uma temática, uma estrutura composicional e um estilo. Logo, um caminho metodológico para o estudo do estilo do gênero passa pela investigação de como se dá a apropriação desses componentes no ato de enunciar constitutivo do gênero como enunciado concreto. O estudo de totalidades discursivas (conjuntos de enunciados dados como textos de um gênero) leva, assim, à identificação de um tom próprio de cada totalidade analisada, que é o estilo. Essa totalidade se determina mediante um fechamento de enunciados sobre os quais incidirá a análise e de onde emerge o efeito de diferença em relação a outras totalidades discursivas, com as quais mantém diálogo.

Segundo Discini (2004, p. 19), a Semiótica Francesa é um instrumento para garimpar o estilo em uma totalidade de discursos enunciados, uma vez que o estilo é entendido como efeito de sentido que surge da relação entre enunciado, texto e enunciação. A autora (2004, p. 28) ainda ressalta que precisamos analisar o conteúdo de uma totalidade discursiva considerando sua relação com a expressão.

Podemos sintetizar assim um percurso metodológico de análise do estilo do gênero, baseado nas referências utilizadas neste trabalho e em nossa experiência de pesquisa:

- Seleção, descrição e categorização dos enunciados de um gênero que se pretende analisar, facilitando a compreensão de seu conteúdo ao leitor. É importante esclarecer qual critério o pesquisador utilizou para selecionar exemplares de um gênero e garantir sua representatividade: se por serem mais conhecidos, por serem mais utilizados em um período de tempo, por terem diferentes autorias etc.
- Análise semiótica de cada um dos enunciados, segundo o percurso gerativo de sentido e elementos do plano da expressão – em textos em que sua presença agrega novos significados – de forma integrada e segundo as especificidades do objeto. Pode-se, certamente, selecionar além de elementos da semiótica greimasiana, outros, de desdobramentos posteriores da semiótica (Tensiva, Sociosemiótica etc.), o que contribuirá para se depreender com maiores detalhes a construção do sentido no objeto de estudo.

- Análise das componentes do gênero (estrutura composicional, temática e estilo), relacionando recorrências encontradas na análise semiótica.
- Depreensão de um modo próprio de ser do gênero a partir das análises anteriores. Deve-se afirmar, ao final, qual é o estilo do gênero em questão.

No entrelaçamento desse estudo dos gêneros com recursos teórico-metodológicos da semiótica, podemos repertoriar alguns que servem à análise de cada uma das componentes bakhtinianas do gênero, sem intenção, é claro, de esgotar as possibilidades:

- **Construção composicional do gênero:** categorias da enunciação (pessoa, tempo, espaço – *eu, aqui, agora* em relação ao *ele, lá, então* –, operações de *actorização, temporalização e espacialização* que compõem a sintaxe do discurso, figurativizadas segundo antropônimos, cronônimos e topônimos); recorrências no âmbito da sintaxe da frase (opção por subordinação ou coordenação, ordem direta ou inversa), que, relacionadas às categorias já citadas, produzem certos efeitos de sentido que sedimentam um modo próprio de compor; mecanismos de citação do discurso de outrem; organização textual própria do gênero, como, por exemplo, presença de seções, forma das unidades (verso, parágrafo etc.), sua ordenação e dimensão e tipos textuais predominantes; mecanismos de textualização – linearização e elastização (Fiorin, 2012) –; e organização no nível da expressão.
- **Temática:** ancoragem em determinado domínio do sentido, depreendido por operações que compõem a semântica do discurso. Essas operações são a tematização e figurativização: “[...] não é o assunto de que trata o texto, mas é a esfera de sentido de que trata o gênero” (Fiorin, 2008, p. 6).
- **Estilo:** “expressividade [que] aparece como uma particularidade constitutiva do enunciado” (Bakhtin, 1997, p. 315) ou “expressividade padrão de um gênero” (1997, p. 314). Tom de voz que se manifesta a partir da escolha de recursos linguísticos. Como exemplo, podemos citar a escolha vocabular (formas verbais típicas, presença ou ausência de adjetivos, pronome de tratamento escolhido, uso de jargões, gírias, abreviações, “internetês”, entre outros), emprego de figuras de linguagem; recursos multimodais como cores, imagens, figuras; pontuação; marcas

de oralidade ou de “escrituralidade”, que, como efeito, desencadeiam um tom mais humorado, mais formal/informal, de pessoalidade/impessoalidade, ou mais sério, por exemplo.

- **Elementos do sensível (perpassam a estrutura):** graus de presença (copresença ou em superposição); modos de eficiência, existência e junção; paixões; regimes de interação enunciador-enunciatário (programação, manipulação e ajustamento).

É importante destacar que as componentes não são estanques, mas se unem na constituição da totalidade do gênero. Essa articulação é responsável pela caracterização de uma “entonação expressiva do gênero” (Bakhtin, 1997, p. 312). A análise dos recursos apontados deve suscitar, assim, atenção aos efeitos de sentido das escolhas, que estão interligadas, em cada componente e na totalidade do gênero. Para a unidade do estilo, também é importante entender o *continuum* subjacente ao percurso gerativo, alcançado pelo processo de catálise, isto é, para além da análise dos níveis fundamental, narrativo e discursivo previstos no modelo da semiótica francesa, deve-se considerar que o sentido se dá na coesão entre eles, resgatando-se a continuidade entre as categorias desde as profundezas até a superfície.

Segundo Discini (2012, p. 78), composição e temática se firmam como vetores do estilo do gênero. Vetor é tomado do latim, *vector, oris*, significando o que arrasta, leva, transporta. Partindo das palavras de Bakhtin (1997, p. 312), “A estrutura composicional e a temática preparam então a ‘entonação expressiva do gênero’”, Discini (2012, p. 78) afirma: “A temática e o conteúdo composicional reverberam no estilo do gênero, e esse estilo repercute nelas enquanto se firma como expressividade ou tom”.

Acreditamos que o estilo como componente bakhtiniana pode ser considerado “estilo *no* gênero”, que diz respeito à superfície linguística e entonação dos enunciados. Este contribui, com as outras duas componentes, para definição do conceito de “estilo *do* gênero”, que é o resultado da análise que Discini propõe, com uso de semiótica e estudo do gênero na perspectiva de Bakhtin.

3. Análise do gênero digital resenha em vídeo

Para exemplificar a metodologia de análise do estilo do gênero, faremos um rápido exercício de análise da resenha em vídeo ou vídeo-resenha. Selecionamos para isso três exemplares de enunciados desse gênero disponibilizados na rede social YouTube:

1. Resenha do filme *Bird Box*
(<https://www.youtube.com/watch?v=9EalPtbfdPI>);
2. Resenha da cafeteira Espresso Dolce Gusto
(https://www.youtube.com/watch?v=ktm-SzkU_q4);
3. Resenha do desenho animado *Rick & Morty*
(<https://www.youtube.com/watch?v=3Q1BpHI4QWI>).

Para a seleção, utilizamos como critério a diversidade de objetos resenhados e a popularidade dos vídeos, já que o primeiro tem, na data da nossa consulta (01 de setembro de 2020), 113.763 visualizações; o segundo, 284.513; e o terceiro, 203.647.

A primeira vídeo-resenha apresenta, em frente a um fundo neutro, um homem jovem, com um microfone de lapela preso na gola da camisa, que fala diante da câmera, em primeiro plano, mostrando-o do peito à cabeça. Aparentemente de maneira espontânea, o homem apresenta o enredo do filme, sempre explicitamente tomando cuidado para não dar *spoiler*, ou seja, sem “estragar” (do inglês *to spoil*) o prazer do espectador que quiser descobrir os detalhes apenas quando assistir ao filme. O homem apresenta e descreve elementos do filme *Bird Box* (Netflix, 2018), como o elenco, intertextualidade com outras obras, tipos de planos, recursos de cor e luz. Ao comentar esses elementos, o resenhista faz críticas mais negativas que positivas sobre o filme e as escolhas da produção.

A segunda vídeo-resenha tem como cenário uma cozinha ou copa em que aparecem a caixa da cafeteira Dolce Gusto, a cafeteira propriamente dita e acessórios, como xícara, cápsulas de café, adoçante e bandeja. Em alguns momentos, está presente ainda um *tablet*, onde a mulher consulta informações divulgadas pela empresa responsável pelo produto. Ela figura no centro da câmera, em primeiro plano, mostrando a parte de cima do corpo, com cabelos soltos, maquiagem e uma camisa social. A mulher anuncia que, como não gosta de café, mas o marido sim, resolveu comprar uma cafeteira para não precisar fazer manualmente a bebida. É feita uma exaltação das qualidades da máquina que, além de café, faz capuccino e achocolatado, por exemplo, bebidas quentes e geladas. Em alguns momentos, com efeito humorístico, muda-se o plano da gravação para o fechado (*close-up*) e acionam-se recursos sonoros. A locutora alerta que não tem objetivos publicitários, mas apenas interesse em ajudar o internauta com a avaliação do produto. Ela avalia a cor, o preço, a disponibilidade comercial das cápsulas e a variedade encontrada. Também demonstra como a cafeteira funciona, fazendo um café durante a gravação, e experimenta a bebida

ao final. A locutora se diz “dona de casa” e “usuária da cafeteira”, manifestando interesse em criar resenhas sobre outros eletrodomésticos, de acordo com o interesse dos seus seguidores.

A terceira vídeo-resenha foi gravada tendo como fundo uma estante com livros e objetos diversos, como bonecos e imagem de desenhos animados e um quadro verde onde se lê escrito a giz “Wubba Lubba dub dub” (bordão de um dos personagens do desenho *Rick & Morty*) e um desenho feito à mão dos protagonistas. Um homem de barba e cabelo grandes, óculos, boina e uma camisa do filme *Star Wars* está sentado de frente para a câmera. À sua frente, observa-se um microfone com filtro sobre um tripé, tudo isso em primeiro plano, mostrando apenas a metade de cima do corpo. Com uso de diferentes recursos visuais, como textos escritos, imagens do desenho resenhado e animações, o homem instiga o espectador a conhecer, se não conhece, o desenho e, de forma humorada, apresenta numa fala ligeira elementos do desenho, fazendo uma análise filosófica e interpretação de recursos empregados na produção da obra, citando autores e teorias. Em alguns momentos, o cenário principal dá lugar a projeções de trechos do desenho. Também são utilizados recursos de “making of” para criar efeito de interrupção do vídeo em momentos de diálogos com pessoas que estão ajudando em sua produção, para esclarecer termos em inglês ou comentar cenas do desenho. O efeito de pausa nesses momentos é complementado pela mudança da forma de apresentação: com fala mais espontânea, risadas e gestos de pegar uma caneca para beber, por exemplo. No restante do tempo, as falas são mais controladas, com muita presença de conceitos e termos técnicos. O homem, além de apresentar e descrever cenas, também faz críticas, em geral positivas, e explica sua relação de interesse com o desenho, contextualizando a importância dele para sua geração.

Fazendo uma análise semiótica do conteúdo das três vídeo-resenhas, começando pelo nível discursivo, identificamos um enunciador que se coloca em primeira pessoa, como conhecedor e crítico do assunto/produto que resenha. Ele transmite segurança não apenas sobre o assunto, como também por meio da forma como a vídeo-resenha tecnicamente é construída, fazendo diversos usos de ferramentas de edição sofisticadas para um usuário iniciante. O enunciador, em geral, tem seu nome atrelado a um enunciador coletivo, uma equipe que auxilia na produção da resenha e responde pelo “canal”, constituído como espaço digital na plataforma YouTube, onde se encontram vários vídeos da mesma autoria. Esse enunciador, para persuadir seu enunciatário, emprega termos técnicos e específicos na análise e avaliação das obras e do produto. Para o efeito de realidade e proximidade, são utilizados o tempo do *agora* e o espaço do *aquí*, caracterizando a operação de debreagem enunciativa como predominante. O espaço é figurativizado de formas diferentes, criando um ambiente ora mais íntimo (quarto, cozinha), ora mais neutro, com apenas uma parede ao fundo, sem

qualquer acessório. No primeiro caso, ao espaço é dado um importante papel de significação em relação ao tema/produto, sendo necessário na construção discursiva. No segundo caso, ele serve apenas ao enquadramento, deixando ao ator e à sua fala a centralidade espacial. Semanticamente, o tema do *consumo* é figurativizado pelos produtos resenhados e outros afins (filme *Bird Box*, desenho *Rick & Morty* e cafeteira Dolce Gusto) e confirmado pelas seguintes afirmações:

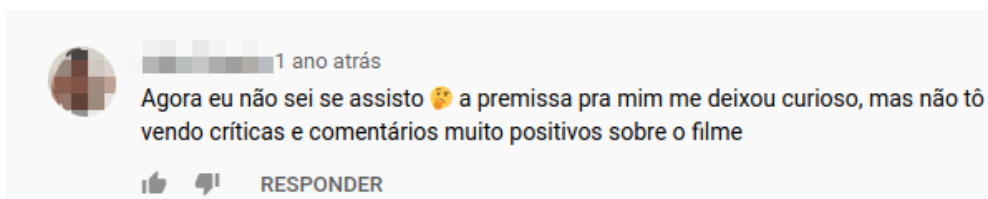
Bird Box, original Netflix, adaptação de livro de mesmo nome, no caso *Caixa de Pássaros*, Sandra Bullock e um bom nível de atuação (Resenha de *Bird Box*, 6min30-6min39).

A cafeteira Arno Dolce Gusto – gente, novamente, ó, não é publicidade, não estou ganhando nada com esse vídeo, é somente para ajudar vocês mesmo – ela é prática, eficiente, e ela faz várias bebidas, né? (...) Produz uma bebida cremosa, aromática, em temperatura perfeita pro consumo (Resenha da cafeteira Dolce Gusto, 4min06-4min26).

Ricky & Morty é um desenho que define a minha geração. Olha, se você ainda não assistiu *Rick & Morty*, um desenho da Adult Swin, criado pelo Dan Harmon e Justin Roiland, eu sugiro fortemente que você pare o que quer que esteja fazendo e vá assistir pelo menos o primeiro episódio (Resenha de *Ricky & Morty*, 0min14-0min26).

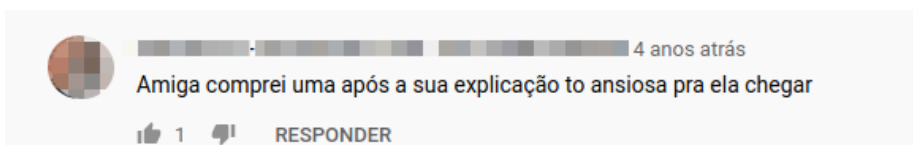
No nível narrativo, temos um actante constituído como destinador que é dotado de um *saber-ser* e um *saber-fazer*, necessários para um bom resenhista ser aceito e ter seu vídeo muito visualizado, ou seja, para que o destinador seja um bom manipulador e consiga a adesão do destinatário para o fluxo narrativo continuar. Em comunicação participativa, o objeto que ele tem e oferece em manipulação por tentação a seus destinatários são bens materiais e culturais que carregam o valor de integração social. Nas vídeo-resenhas analisadas pode-se identificar que os objetos ofertados têm tanto valores modais – pelo *poder* e *saber* que ter uma opinião sobre um filme, um desenho e uma cafeteira pode dar ao sujeito cognitiva e socialmente –, como valores descritivos, em alguns casos – uma cafeteira é um bem utilitário e consumível (“faz mais fácil sua bebida”), além de social (“para receber melhor suas visitas”). Uma forma de verificarmos que o destinador consegue atingir seus destinatários e leva-os a se tornarem sujeitos ativos em relação aos objetos das resenhas é observar alguns comentários a essas vídeo-resenhas, na plataforma YouTube (ver Figuras 1, 2 e 3):

Figura 1: Comentário encontrado na vídeo-resenha do filme *Bird Box*.



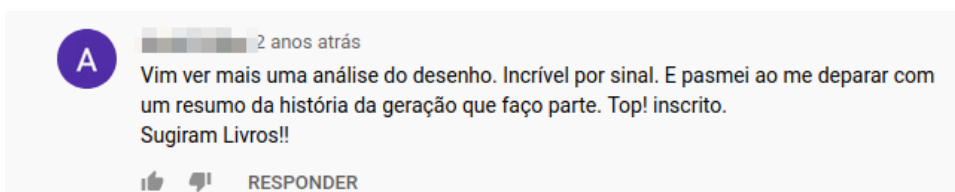
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=9EalPtbfDPI>.

Figura 2: Comentário encontrado na vídeo-resenha da Cafeteira Dolce Gusto.



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=ktm-SzkU_q4.

Figura 3: Comentário encontrado na vídeo-resenha do desenho *Rick & Morty*.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=3Q1BpHI4QWI>.

Observa-se que nem sempre o destinador manipula o destinatário a querer o objeto em questão, mas pode também levá-lo a querer conhecer aspectos negativos, ou aspectos mais críticos, sobre esse objeto. Ou seja, mais do que entrar em conjunção com o objeto, o sujeito deve buscar um conhecimento crítico sobre ele. A maioria dos destinatários pode já ter o objeto tema do discurso (investido semanticamente como filme, desenho, cafeteira) e a resenha oferecer a eles um objeto mais abstrato: um olhar diferente, experto, sobre esse objeto.

No nível fundamental, mais abstrato e profundo, encontram-se as categorias semânticas básicas, concretizadas nos níveis narrativo e discursivo. Ressalta-se a oposição semântica identidade *versus* alteridade, já que as três vídeo-resenhas se assentam em escolhas pessoais dos enunciadores, baseadas em uma identificação com sua geração, com leituras prévias que alimentam um olhar crítico, com gostos e desgostos em relação a seus objetos de crítica. Também quem chega aos vídeos é levado por uma identificação não só com o

objeto da resenha como também por uma forma peculiar de vê-lo. Enquanto a identidade é euforizada, o que foge a ela, a alteridade, é disforizada e alimenta o que é próprio da resenha, isto é, a avaliação crítica de algo.

Em termos tensivos, observamos um equilíbrio entre afetividade (intensidade) e informatividade (extensidade). A afetividade se manifesta sobretudo em recursos interativos para conquista da plateia, o que diferencia a vídeo-resenha de outros textos sobre os objetos resenhados, como sinopse e descrição do produto, por exemplo. A informatividade é evidenciada na descrição do objeto e argumentos na sua avaliação, o que é importante também para a adesão do público. Semelhante a outros gêneros digitais, o regime do universal (participação de todos) é preponderante em relação ao regime do absoluto (participação de poucos). Espera-se, assim, que haja divulgação do vídeo produzido, sendo o maior número de acessos, “curtidas” e comentários, aspecto importante para a avaliação positiva do público em geral.

Cabe ainda considerar a importância da expressão na construção das vídeo-resenhas. Elementos do visual e da sonoridade constituem uma enunciação sincrética pela qual a resenha ganha existência na rede social YouTube. Podemos dizer que há ao longo dos vídeos centralidade do resenhista, na maioria dos casos, ao lado do objeto resenhado (objeto físico ou projeção de trechos das obras), o que se associa com o poder de voz do locutor e seu objeto de conhecimento. O elemento decorativo do ambiente, com combinação de cores, também se mostrou importante, tendo em vista o objetivo de criar um cenário próprio à identidade do objeto resenhado e, por conseguinte, à identidade do grupo por ele atraído: resenhista + destinatários.

Esses vídeos, analisados aqui sucintamente, antes de tudo se denominam explicitamente “resenhas” e mostram a concepção do gênero que seus enunciadores têm: eles elegem um objeto e o apresentam, descrevem, avaliam e recomendam (ou não). Diferentemente de uma resenha acadêmica, por exemplo, a vídeo-resenha tradicionalmente não se relaciona apenas com o texto resenhado e outras referências que eventualmente possam ser acionadas na análise, mas também hipertextualmente incita seus enunciatários a consumir outros vídeos do mesmo autor, ao inserir estrategicamente convites e endereços eletrônicos ao longo da exposição, tendo grande apelo publicitário. Essa característica não é específica da vídeo-resenha, mas uma apropriação de outros gêneros digitais do mesmo formato que se aglomeram em redes sociais como YouTube e Vimeo.

Nos três exemplos que coletamos para este estudo, observamos dois tipos de objetos resenhados que interferem no modo como o gênero se organiza: os objetos artísticos e os utilitários.

A estrutura composicional, relativamente estável, do gênero, independente do tipo de objeto, é marcada pela seguinte organização: saudação inicial, com

apresentação do locutor e do que se irá resenhar, fala organizada didaticamente segundo um roteiro em que são apresentados prós e contras em relação ao objeto escolhido, avaliação iterativa ao longo da descrição, recomendação explícita ou implícita ao final ou ao longo da exposição e fechamento com pedido de comentários, *likes* e convite para ver outros vídeos do canal. Nas resenhas dos objetos utilitários, acrescenta-se geralmente um momento de demonstração, com traços de publicidade, de como o objeto funciona, seu preço, onde pode ser adquirido e situações de uso. Nas resenhas de objetos artísticos, são frequentes a intertextualidade com outras obras e a tentativa de interpretação pela aplicação de conceitos teóricos de algumas áreas do conhecimento, como a Literatura e a Filosofia. Operações de debreagem enunciativa – *eu, aqui, agora* – e a referência explícita ao *tu* (internauta que gosta, assim como o enunciador, dos objetos resenhados), que é chamado a participar ativamente na interlocução, pelos comentários e *likes*, além da convocação de figuras culturais do universo dos interlocutores, concretizando o tema do consumo, são responsáveis por efeitos de pessoalidade, proximidade, familiaridade e interatividade, o que confirma o pertencimento do gênero à esfera de entretenimento na internet. Cabe acrescentar a assimetria entre enunciador e enunciatário, o que se manifesta claramente nas estruturas narrativas, mais abstratas, já que além de ter mais voz, o enunciador (destinador) domina o assunto e os recursos técnicos necessários para a criação do gênero e manipulação. Ao enunciatário (destinatário), cabe o fazer interpretativo e, em caso de adesão e desejo de se tornar um sujeito diante do objeto, a participação ativa no espaço controlado para avaliação nos comentários e *likes*, filiação ao canal e compartilhamento, opcionalmente.

Essa estrutura sustenta a temática da avaliação oral de objetos diversificados (geralmente um único para cada enunciado do gênero) a partir da demonstração visual do seu uso (em caso de objetos físicos) ou indicação e/ou explicitação de trechos (em caso de obras) de onde emerge a recomendação ou não do objeto resenhado. A tematização do consumo a partir das figuras desse objeto funciona como forma de estimular ou não o acesso/uso pelo público-alvo. A discussão com avaliação nas vídeo-resenhas tende ao estilo mais espontâneo, que simula, geralmente, uma conversa que atrai e encanta um enunciatário minimamente interessado no assunto. Os termos específicos à área do objeto resenhado, importante para a credibilidade do locutor, se equilibram com a linguagem informal e coloquialidade que torna o vídeo mais acessível.

Podemos concluir, assim, sobre o estilo do gênero vídeo-resenha que serve ao maior conhecimento sobre um objeto, por meio de sua descrição e avaliação por um enunciador que se coloca como especialista, ou pelo menos interessado, sobre ele. Sua composição e temática orientam um tom informativo e lúdico ao mesmo tempo, sendo a combinação entre a afetividade e a informatividade um trunfo para a tão esperada divulgação máxima do texto verbovisual resultante.

Considerações finais

Neste texto, focamos na exposição da definição do estilo do gênero como previsibilidade de um modo de dizer, na apresentação de uma metodologia para sua análise e na exemplificação dessa metodologia na análise do gênero vídeo-resenha.

Com essa análise, buscamos explorar alguns dos vários recursos que a metodologia do estilo do gênero – que articula a semiótica discursiva e a perspectiva bakhtiniana de gênero – dispõe para pesquisadores interessados em análise de textos e discursos.

Elencamos, para pesquisadores interessados em conhecer outros exemplos de aplicação, alguns estudos dedicados a gêneros específicos ou a gêneros que integram como exemplos discussões teóricas, servindo como práticas de análises do estilo:

- Hagiografia (Discini, 2012);
- Bula, anúncio publicitário, reportagem, verbete, poema (Discini, 2009);
- *Chats* e fóruns (Pereira, 2013);
- *Blog* educacional (Pereira, 2015);
- *Curriculum vitae*, memorial (Discini, 2010a);
- Regulamento interno condominial, crônica (Discini, 2010b);
- Aula espetáculo e aula *show* (Pereira, 2017).

Outros estudos de discussão teórico-metodológica e de aplicação são ainda necessários para aperfeiçoar a proposta e agregar a ela novos conceitos que podem ser utilizados em cada etapa do percurso de análise. ●

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 277-326.
- DISCINI, Norma. *Corpo e estilo*. São Paulo: Contexto, 2015a.
- DISCINI, Norma. Da presença sensível. *Cadernos de Semiótica Aplicada*, vol. 8, n. 2. dez. 2010a. p. 1-28.
- DISCINI, Norma. Discurso, gênero e estilo. In: BASTOS, N. B. (org.). *Língua Portuguesa: cultura e identidade nacional*. São Paulo: EDUC, IP-PUC-SP, 2010b. p. 209-223.

DISCINI, Norma. Inquietações sobre o estilo. *Todas as letras Z*, v. 17, n. 2. São Paulo, 2015b. p. 12-17.

DISCINI, Norma. O estilo e o ator da enunciação: Greimas na contemporaneidade. *Estudos Semióticos*, v. 14, n. 1. São Paulo: USP, 2018. p. 117-132.

DISCINI, Norma. *O estilo nos textos*. São Paulo: Contexto, 2004.

DISCINI, Norma. Para o estilo de um gênero. *Bakhtiniana*, vol. 7, n. 2. São Paulo: PUC-SP, 2012. p. 75-94.

DISCINI, Norma. Semiótica: da imanência à transcendência (questões sobre o estilo). *Alfa*, vol. 53, n. 2. São Paulo, 2009. p. 595-617.

FIORIN, José Luiz. A internet vai acabar com a língua portuguesa? *Texto Livre: Linguagem e Tecnologia* [online], v. 1, n. 1. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2008. p. 1-8.

FIORIN, José Luiz. Práxis enunciativa. *Coleção Mestrado em Linguística*, vol. 5. Franca-SP, 2010. p. 53-73.

FIORIN, José Luiz. Da necessidade da distinção entre texto e discurso. In: BRAIT, Beth; SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília (org.). *Texto ou discurso?* São Paulo: Contexto, 2012. p. 145-165.

GOMES, Regina Souza. Gêneros do discurso: uma abordagem semiótica. *Alfa*, vol. 53, n. 2. São Paulo, 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e análise do discurso*. São Paulo: Parábola, 2015.

PEREIRA, D. R. M. *Semiótica e ensino*: ajustamentos sensíveis em gêneros digitais da esfera educacional. 277f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade de São Paulo. São Paulo. 2013.

PEREIRA, D. R. M. O estilo dos gêneros digitais. *Estudos semióticos*, v. 10, n. 2. São Paulo: USP, 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/90146>. Acesso em: 02 mar. 2015.

PEREIRA, D. R. M. Estilo do blog educacional. *Estudos da lingua(gem)*, v. 13, n. 2. Vitória da Conquista, BA, 2015. p. 91-114. Disponível em: <http://www.estudosdalinguagem.org/index.php/estudosdalinguagem/article/viewFile/474/427>. Acesso em: 08 jan. 2018.

PEREIRA, D. R. M. Um estudo dos gêneros orais aula espetáculo e aula show. *Olhares & Trilhas*, vol. 19, n. 2. Uberlândia, MG, 2017. p. 199-235. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/olhases trilhas/article/view/40261>. Acesso em: 28 fev. 2021.

The style of genres: an analysis methodology

 PEREIRA, Daniervelin Renata Marques

Abstract: French Semiotics and studies of the genre in the Bakhtinian perspective have been associated as two currents that complement each other in investigations on discourse. Semiotics, born of interdisciplinary relations between linguistics, the studies of narrative and philosophy, is also open to enlargements consistent with its theoretical assumptions. Thus, in his conception of the sign as social, Bakhtin is seen as a theoretically useful relationship for studies of the style of the genre, which take into account the recurrence of a way of being of a certain gender in its various achievements. In order to better understand this study path, we did a bibliographic research on the main works of Discini and other researchers who have been adopting this theoretical articulation to identify present concepts and the theoretical-methodological proposal in this perspective. To demonstrate how the proposal can be applied, we analyzed the video-review genre, from three texts collected on the internet. With this research, we recover the main theoretical advances, as well as the challenges of what still needs to be developed theoretically and methodologically in the study of the style of genres.

Keywords: style; french semiotics; discursive genre.

Como citar este artigo

PEREIRA, Daniervelin Renata Marques. O estilo dos gêneros: uma metodologia de análise. *Estudos Semióticos* [online]. Volume 17, número 1. São Paulo, abril de 2021. p. 124-140. Disponível em: <www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: dia/mês/ano.

How to cite this paper

PEREIRA, Daniervelin Renata Marques. O estilo dos gêneros: uma metodologia de análise. *Estudos Semióticos* [online]. Vol. 17.1. São Paulo, april 2021. p. 124-140. Retrieved from: <www.revistas.usp.br/esse>. Accessed: month/day/year.

Data de recebimento do artigo: 14/09/2020.

Data de aprovação do artigo: 18/11/2020.

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0.

This work is licensed under a Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 License.

